

Dossiê Filme e Filosofia

A revista Paralaxe oferece neste dossiê um amplo leque de artigos que exploram os nexos entre filosofia e filme em seus múltiplos aspectos. Trata-se de pensar filosoficamente gêneros de filmes e de considerar que qualquer obra fílmica veicula conceitos e ideias, pressupondo e criando mundos. Diante das transformações epocais que incidem sobre a sétima arte, campo que se transfigurou de uma arte analógica em uma arte digital (altamente marcada por efeitos especiais gerados por computação), pesquisadores refletem a fundo tanto sobre o processo de realização de obras cinematográficas quanto sobre a recepção dessas pelos espectadores. Espectadores contemporâneos, obcecados por telas de diferentes tamanhos e submetidos a radicais mudanças em seu regime de atenção e fruição estética, testemunham a rápida obsolescência dos dispositivos. A estas transformações objetivas correspondem mudanças subjetivas que se constitui também como uma tarefa de decifração.

O dossiê inicia com o artigo de Josef Früchtl, autor do livro pioneiro nas discussões sobre filme e filosofia, *O eu impertinente. Uma História Heroica da Modernidade (Das unverschämte Ich. Eine Heldengeschichte der Moderne*, Suhrkamp, 2004). O filme "Barbie", de Greta Gerwig, é lido como epifania estética no artigo de **J. Früchtl** em que a boneca criada pela Mattel, transposta para o cinema, é descrita como um mito pop-cultural que simultaneamente afirma e critica a ideologia dominante. O autor sugere que o termo "epifania", originalmente de sentido teológico, tornou-se corrente na estética profana como sinônimo de insight ou súbita iluminação. O filme conteria o mito de Barbie reconfigurado ironicamente através de uma história heróica envolvendo dicotomias como mundo ideal (*Barbieland*) vs mundo real (L.A.), matriarcado vs patriarcado. De maneira paródica ou evocativa, o blockbuster de Gerwig também refere-se à história do cinema: "2001", "Truman Show", "Matrix", "Blade Runner" "La Dolce Vita" são outras obras que o autor mobiliza para propor uma doutrina crítica de esclarecimento contínuo.

"(Un)folding time: A philosophical analysis of 'Cloud Atlas'" (2012), de **Gustavo Ruiz da Silva e Eberval Gadelha Figueiredo Jr.**, propõe uma análise do filme "A Viagem" (2012), dirigido por Lana Wachowski, Tom Tykwer e Lilly Wachowski, sob

uma lente de exploração filosófica, comparando sua narrativa com o livro original de David Mitchell. O artigo destaca como a montagem do filme impacta a representação do tempo, utilizando os conceitos de "dobra" de Gilles Deleuze e "círculo vicioso" de Pierre Klossowski. Essas noções filosóficas ajudam a entender a supressão do tempo e a persistência de gestos efetivos no contexto do filme. A abordagem ressalta a importância de integrar os campos da Filosofia e do Cinema de modo a oferecer novas perspectivas quanto a conceitos filosóficos complexos aplicados no contexto de obras cinematográficas.

A alegoria do real contida em "Parasita" (2009) é lida a partir das metáforas animais propostas pelo filme de B. Joon-Ho. A autora **Namie Yoshika**, embasando-se sobretudo em Byung Chul-Han e Stuart Hall, analisa relações de parasitismo entre as duas famílias protagonistas. O que emerge é um retrato distópico, que destoa de muitas representações hegemônicas da Coreia do Sul. Em um presente marcado por epidemias de males psíquicos como síndrome de *burn-out* e depressão, o texto sinaliza que sociedade do desempenho e do cansaço propagaria a "parasitagem": em sua "estufa" seriam gestados parasitas fortes e fracos.

Guilherme Silva Cavalcante, em "O Animal Que Nos Olha", realiza uma leitura dos filmes *Au hasard Balthazar* (1966), de Robert Bresson, e *EO* (2022), de Jerzy Skolimowski. O vínculo entre eles é direto pois o realizador polonês inspira-se no filme francês e ambos realizam o feito pouco usual ter um burro como protagonista central do filme. Elucidando as obras com auxílio de pensadores como John Berger e Jacques Derrida, o autor destaca abismos e pontes nas relações entre os animais humanos e não-humanos, sobretudo através de uma consideração sobre o olhar. O texto tem como um de seus méritos realizar uma exploração que tangencia dois grandes campos de estudos contemporâneos: a Estética e os Estudos Animais.

Sônia Campaner Miguel Ferrari e Rita Miranda, no artigo "Brecht: o teatro e o cinema", estabelecem uma relação entre teatro e cinema, incluindo Walter Benjamin na questão da possibilidade do aprendizado na recepção do espectador de teatro e do cinema. É preciso lembrar que Brecht, em 1936, considerou a diversão como um aspecto importante do aprendizado no teatro e Benjamin, como lemos em seu ensaio sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte, releva o papel catártico dos filmes de Chaplin

na recepção do cinema. Ambos retiram a função pedagógica do teatro e do cinema da sisudez, ampliando a recepção para a dimensão afetivo-psicológica e política.

Em consonância, no artigo “Caleidoscópios, choques e distanciamentos: do palco ao cinema com Bertolt Brecht e Walter Benjamin”, de **Diogo Oliveira Dias**, a relação entre Brecht e Benjamin é considerada nos termos da proximidade entre arte e política, em particular, sobre as potencialidades do teatro e do cinema tornarem-se um lugar de reaprendizado da relação entre natureza e técnica.

Abordando o cinema de David Lynch, em especial a linguagem fílmica surreal deste diretor e as relações com o mundo onírico, o artigo de **Marcelo Rodrigues** oferece um complexo tecido semiótico que permite ir mais a fundo na decifração das obras do cineasta. Para este fim, o autor mobiliza a Psicanálise, sobretudo de vertente Lacaniana (discutindo também ideias de Zizek), e a Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer. Mergulhando fundo na análise de *Mulholland Drive*, o autor aborda temas como trauma e memória em meio a uma sociedade marcada, segundo Christoph Türcke, pela hiperatividade e pela super-excitação.

Leonardo Rodrigues propõe uma reflexão sobre a dimensão filosófica presente no filme *Holy Motors*, de Leos Carax. Partindo de uma abordagem da poética das máscaras e da beleza do gesto, Rodrigues procura descortinar noções conflitantes que identifica no filme de Carax, tais como sujeito e identidade, máscaras e produção de sentido, tempo, poética e beleza.

Em seu ensaio “Entre o capim e o asfalto: uma reflexão a partir da obra de Cao Guimarães”, **Julia Paglis** pensa o filme *Andarilho*, de Guimarães, na perspectiva do território. Munida de uma pequena, porém, potente artilharia conceitual do pós-estruturalismo francês, analisa a disposição dos personagens andarilhos em suas errâncias e realidades que dão corpo ao filme e procura lançar alguma luz ao fazer artístico do autor da obra.

Em “Expressividades: a autenticidade estética e as formas expressivas do cinema”, **Sérgio Dias Branco** contribui para a discussão sobre a autonomia do cinema em perspectiva adorniana. O autor visa superar a dualidade “filmes de entretenimento” e

“filmes engajados”, propondo uma “autenticidade expressiva” e relacionada a uma poética capaz de aprofundar os “efeitos e significações do cinema”.

Eduardo Alves da Silva propõe uma análise filosófico-linguística para entendermos como é forjado o sentido moral no filme *Coringa*, de Todd Phillips. Para isso, articula a noção de “jogo de linguagem”, do filósofo Wittgenstein, a ideia de “frames morais”, da obra de Lakoff, e de integração conceitual a partir de autores como Fauconnier e Turner. Em sua análise, o autor procura mostrar como os aspectos diegéticos do filme incluem o espectador na maneira de apreender os dilemas ali expressos.

O cinema realizado em Super 8 na cidade de São Luís do Maranhão serve como ensejo para uma reflexão sobre as relações entre cinema e cidade no artigo de **Joseane Dantas**. Trata-se de uma “maré de imagens” - aproximadamente 100 filmes maranhenses feitos em super-8, de maneira inventiva e experimental, sobretudo durante o período da ditadura – que retratam a capital do Estado em suas contradições sociais e com atenção às suas populações marginalizadas.

Em seu artigo, **Pedro Carvalho Moreira** propõe pensarmos o retrato como uma forma de tradução. Como ponto de partida, assume a premissa de Ismail Xavier de que a melancolia é um traço recorrente nas personagens indígenas descritas no cinema nacional e mergulha no filme *Carapiru*, del Andrea Tonacci. Segundo Moreira, a melancolia retratada por Tonacci aproxima-se da operação de tradução elaborada por Walter Benjamin em seu ensaio “A tarefa do tradutor”.

O diálogo frutífero que o filme "Orestes" (2015) empreende com a trilogia trágica de Ésquilo, a "Oréstia" (composta por "Agamenon", "Coéforas" e "Eumênides"), na decifração da “esfinge Brasil” está no âmago do artigo de **Josué Bochi**. Dirigido por R. Siqueira, este intrincado documentário intenta "avaliar como a histórica dificuldade de se instaurar justiça e democracia em nosso país pode ser pensada sob uma perspectiva de tragédia". Há inúmeras Antígonas nas periferias brasileiras, argumenta o autor, "quase todas de pele preta, cujos filhos foram mortos pela polícia, as quais transpuseram para a luta política a tragédia que se abateu primeiro na vida privada.”

Por meio de uma leitura do *Viajante*, de Abbas Kiarostami, **Sandra Espinosa Almansa** mostra como os caminhos das personagens do cineasta iraniano são menos guiados pela moralidade do que pelas errâncias e desejos, o que termina por forjar configurações visuais cuja trivialidade do olhar cotidiano é surpreendida.

Em sua apologia de um cinema perigoso e experimental, **Eduardo Liron** estabelece em seu artigo pontes entre duas personalidades da cultura chilena, o cineasta Raoul Ruiz e a filósofa Yolanda Gloria Gamboa Muñoz. Em “O Filme Por Vir”, de Ruiz, estaríamos diante de um cinema do arrebatamento xamânico e do transe cinemático que pode ser interpretado em chave nietzscheana. Com seus gestos instauradores de uma renovação do gosto e com seus fluxos de imagens que carregam os germes de outra linguagem fílmica, o cinema experimental teria analogia com as vertentes mais audazes da filosofia, como proposto por Muñoz. Em interlocução também com o pensamento de Deleuze, Foucault e Sloterdijk, o autor defende que Ruiz realiza “incessante combate às convenções linguísticas e estilísticas do cinema”, explodindo tradições petrificadas e colocando em combustão qualquer pretensão à imobilidade.

Em “Sacrifício e eterno retorno: cenas de Nietzsche, Foucault e Tarkovski”, **Wallace Gois** aproxima os conceitos de "eterno retorno", de Nietzsche, e de "cuidado de sí", de Foucault, com a obra *O Sacrifício* do cineasta russo Andrei Tarkovski. O autor põe em diálogo a metáfora do sacrifício com a parresía e a subjetivação, presentes na obra de Foucault, ao mesmo tempo em que reflete sobre a presença da noção moral nietzschiana de *amor fati*, expressas no filme do cineasta russo.

O cinema brasileiro tem criado obras propícias a reflexões sobre preconceito racial, identidade cultural e manifestação popular como aquelas propostas por **Irma Viana** acerca de "Uma Onda No Ar" de Helvécio Ratton. Nos anos 1980, a Rádio Favela de BH atuou como movimento popular de resistência, permeado pelas expressões culturais do samba e do *hip hop*, "a música da gente do morro". Na *terra brasilis*, onde tantas tragédias viram *raps* & sambas, a autora argumenta que a cultura do morro é capaz de se alastrar pelo asfalto e que o filme de Ratton, abordando a dicotomia morro/favela vs asfalto/cidade, pode inspirar-nos reflexões críticas cruciais acerca dos fortes preconceitos-de-cor e privilégios da branquitude que ainda assolam o país.

Em três movimentos, Stanley Cavell figura no primeiro plano das análises empreendidas por **Pedro Kling** em seu artigo “Viagens à lua, retornos ao mundo: Cavell, Bazin e Méliès em um fragmento de uma ontologia do cinema”. Partindo da ontologia cavelliana, Kling assume uma indissociabilidade entre os escritos epistemológicos e aqueles que abordam o cinema para desvendar a significação da imagem da lua na obra do autor; em seguida, tematiza a influência de André Bazin para a ontologia de Cavell; e, por fim, propõe uma leitura de *Viagem à lua*, de Georges Méliès.

Através deste abrangente dossiê, a **Revista Parallaxe** busca incentivar a reflexão sobre filosofia e filme através de um amplo leque de artigos que revelam a extensão deste campo multidisciplinar no âmbito acadêmico. Os dezenove artigos aqui disponibilizados constituem uma travessia abrangente e multifacetada que há de inspirar outros pesquisadores a realizarem outras trajetórias de busca e decifração dos filmes e suas complexas interações com o mundo que nos cerca.

Editores

Carla Milani Damião
Eduardo Carli de Moraes
Rodrigo Araújo